

A IMPOTÊNCIA ESPIRITUAL DO HOMEM NO CONTO *UM HOMEM CÉLEBRE* DE MACHADO DE ASSIS.

Ludmila Rodrigues Paiva¹

Resumo: O presente artigo busca analisar, a partir do conto “Um Homem Célebre”, a maneira pela qual Machado de Assis incute na narrativa, de maneira irônica e sádica, a incapacidade humana de auto-afirmação, ou seja, o impasse do homem diante do desejo de realizar algo e o fracasso em não conseguir. Trata-se da história de um músico frustrado e confuso, Pestana, que não consegue fazer o que tanto almeja – compor peças eruditas como as de Beethoven, Schumann ou Mozart. Ao contrário, odeia as músicas que produz e a popularidade que elas ocasionam, pois eram sempre elas, as polcas, que lhe vinham à mente durante os momentos de composição. Fica revelada no conto, de acordo com a fina ironia machadiana e seu pessimismo, a impotência espiritual de Pestana, que, sem nenhuma espécie de intervenção divina, simplesmente não consegue realizar o que entende ser capaz. Além disso, vale salientar a contradição vivida por ele – ao mesmo tempo em que é ovacionado entre seus compatriotas por conta de suas polcas que alcançam as massas populares, sente-se diminuído por não conseguir produzir algo universal, algo que o eternize.

Palavras – chave: Machado de Assis; impotência espiritual; conflito interior; ideal x realidade.

Introdução

Machado de Assis pode ser considerado como um dos autores mais festejados de nossa crítica, pela razão de ter se antecipado a temas que, na Europa e nos Estados Unidos, as “ciências da alma”, e a partir destas, do ponto de vista estético, a ficção secundariam. Assim, o duplo da personalidade, a visão relativista das coisas, os tormentos e aberrações psíquicas, que se originam diretamente dos subterrâneos da alma, ganharam visibilidade e força na prosa machadiana. Entre os tormentos, podemos

¹ Aluna do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

destacar um: o que envolve a luta do eu (*aparente ou consciente*) consigo mesmo (o eu *obsuro ou inconsciente*).

O presente artigo busca mostrar de que maneira esses conflitos humanos, encarados pelo autor como de caráter universal, estão presentes em sua obra, especificamente no conto “Um Homem Célebre”, através da personagem Pestana, músico que se vê diante da incompatibilidade entre os ideais e a realidade. Fica revelada no conto, de acordo com a fina ironia machadiana e seu pessimismo, a impotência espiritual de Pestana que, sem nenhuma espécie de intervenção divina, simplesmente não consegue realizar o que julga ser capaz, que é compor músicas eruditas, diferentes das polcas populares, que são, entretanto, o que ele unicamente consegue produzir.

1. Machado de Assis e sua fase realista

Machado de Assis possui uma vasta obra literária que vai da poesia à prosa. Apesar de ser comumente conhecido como romancista, vale salientar sua importância também como poeta, cronista, dramaturgo, crítico e contista. A crítica literária divide sua obra em duas fases principais, a saber: a fase romântica e a fase realista.

Ainda na primeira fase, embora denominada romântica, a obra ficcional de Machado já desponta com uma notável diferença em relação aos seus contemporâneos. Como aponta Lúcia Miguel Pereira (1998), o que o diferenciou foi o caráter universal de seus personagens. Com efeito, o uso recorrente do adjetivo “brasileiro”, ou seja, o desejo de explorar o homem brasileiro nas suas origens mais selvagens, bem presente no romantismo, não constituiu a força motriz de seus romances. Machado abordava os problemas das personagens enquanto homens, no sentido mais amplo da palavra. Isso não significa, entretanto, que o cenário local fosse inteiramente desprezado:

Não que os pormenores locais fossem inteiramente desprezados; estão ao contrário admiravelmente anotados em sua obra, pela qual se pode em boa parte reconstituir a sociedade oitocentista em alguns dos seus aspectos mais característicos; mas porque já não representavam o objeto principal, surgindo tão somente como complemento das personagens – e talvez por isso, por estarem no devido lugar, mais verdadeiros e sugestivos. As criaturas, consideradas em sua essência humana, absorviam agora todo o interesse. Será impossível, por exemplo, conceber a Moreninha sem Paquetá, mas Capitu não está em absoluto presa a Maticavalos, nem mesmo ao Rio, embora através dela se sinta a terra carioca. (PEREIRA, 1988, p. 62)

A universalidade de sua obra, ainda que camuflada em temas cediços como o do amor contrariado pelas barreiras sociais, consiste no fato de que ele buscava delinear os segredos da essência humana, e não apenas de um representante de determinada região ou povo.

Acrescente-se a esse aspecto, a abordagem psicológica das personagens que, mesmo em suas primeiras obras, nas quais os temas ainda giravam em torno do amor, já surge como um aspecto que lhe é peculiar. Machado, ao contrário dos românticos, não se preocupou em desenhar personagens exclusivamente boas ou más, mas ateu-se a traçar perfis de criaturas humanas, pessoas reais e complexas. Podemos perceber essa característica já em seu primeiro romance, *Ressureição* (1872), ao apresentar o herói: “não se trata aqui de um caráter inteiriço, nem de um espírito lógico e igual a si mesmo; trata-se de um homem complexo, incoerente e caprichoso, em que se reuniam opostos elementos, qualidades exclusivas e defeitos inconciliáveis”.

A crítica considera que a partir dos quarentas anos de idade, tendo a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) como marco, Machado tenha alcançado certa maturidade como escritor. Maturidade essa que se torna visível pela sua ironia, o seu pessimismo, o seu estilo e o seu humor, que, a partir daí, apresentam-se como marcas recorrentes e ainda mais visíveis em sua obra.

O humorismo da escritura machadiana é marcado, principalmente, pela maneira mediante a qual os seus narradores se dirigem ao leitor, que é comumente interpelado, em maior ou menor grau, pela sua, como chama Antônio Cândido, “bisbilhotice saborosa” durante toda a narrativa: “ele cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa, lembrando ao leitor que atrás dela estava a sua voz convencional”. (CÂNDIDO, 2007, p.22). Acrescenta Pereira (1988, p.73):

Escritor com absoluto domínio de seus meios de expressão, ele parecia por vezes estender-se, repisar os assuntos; na verdade, porém, era elíptico e reticente: alongava-se nos pormenores e apenas insinuava, muito de leve, o primordial. E quando lhe escapava alguma alusão mais evidente, logo intervinha com uma facécia para despistar; era o que chamava pagar ao leitor com um piparote.

No que diz respeito à exploração profunda do psicológico humano, cada personagem pertencente ao seu universo, representa, através de seus conflitos particulares, a busca pela verdade da essência humana, ou seja, o desejo de desvendar-

lhes os mistérios, os interesses, as ambições, bem como os motivos que os impulsionam a viver.

Destacamos, porém, que essa busca não é pela verdade absoluta da alma humana, mas trata-se de uma verdade relativa. Esse anseio pauta-se na sua visão relativista do mundo, segundo a qual, não existe nada que seja absoluto, fixo, categórico, inalterável. Nem mesmo o conceito do que é bom ou o que é mau. Dentro dessa perspectiva, todas as transformações, inclusive as que ocorrem na natureza, acontecem em função do homem, ou seja, o universo é ordenado em relação ao ser humano. Surge a partir daí, como aponta Pereira (1998), a idéia de que a vida, no universo de seus personagens, para ter sentido, deve ser utilitária, servir sempre ao ser humano. Como exemplo, lembremos da indagação de Brás Cubas ao conhecer a jovem Eugênia: “Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?”. Para ele, a vida é encarada como algo que deve ter uma utilidade, um propósito. E foi justamente através da maneira pela qual seus personagens veem o mundo, que Machado procurou entender a verdade humana, que é, sobretudo, relativa.

2. A luta do eu

Dentre todas as inquietações humanas, vistas pela ótica dos mais diferentes tipos humanos, que são representadas pelas criaturas desenhadas por Machado, destacamos uma, que talvez seja a mais comum à maioria delas – a que envolve a luta do eu exterior com o eu interior. Conforme já foi dito, é nítida a sua preferência por personagens complexos, reais, humanos. Por conta dessa humanidade, ou seja, de figuras que não possuem um caráter absolutamente bom ou ruim, mas complexos e relativos, encontramos criaturas sem unidade interior, que não conseguem entender os seus próprios impulsos. Resulta daí a necessidade de se apegar a algo concreto e tangível, o que chamou de alma exterior. Como exemplo, citemos o conto “O Espelho”, no qual o personagem principal, o “Senhor Alferes”, vê seu uniforme como símbolo de sua própria vida, uma segunda alma. Segundo Cândido (2007, p.24): “A farda do Alferes era também a alma do Alferes, uma das duas que todo homem possui, segundo o narrador, porque manifesta o seu *se ser através dos outros*, sem o que nada somos”. A dualidade interior do personagem faz com que ele se agarre a um objeto concreto, o que constitui sua alma exterior. Sobre esse aspecto, Pereira (1988, p. 94) acresce:

Incertas de si, necessitando cristalizar-se em torno da “alma exterior” para se reconhecerem, incertas do mundo que, por julgarem feito à sua imagem, lhes parecia também fofo e movediço, as criaturas de Machado de Assis, na sua imensa maioria, só possuíam de fato o esteio da opinião. Por isso, os seus movimentos interiores, os que não poderiam ser espreitados, eram desoladoramente mesquinhos.

É nesse contexto de questionamentos sobre a própria identidade, bem como a busca por algo concreto que sirva de âncora diante da relatividade da vida, que destacamos também, dentro do universo machadiano, o anseio pela perfeição, a aspiração humana ao ato completo, e, conseqüentemente, a incapacidade de realização. Característica essa, presente em diversos contos que escreveu, dentre os quais, o objeto de estudo desse trabalho – “Um Homem Célebre”.

3. Análise do conto

O conto “Um Homem Célebre” foi primeiramente publicado no periódico *A Estação*, em 1883, e, posteriormente, no livro *Várias Histórias*, em 1896. Dentro da considerada fase realista de Machado, o conto aborda o tema da impossibilidade humana de realizar algo a que aspira. Trata-se da história de Pestana, músico frustrado, que se vê completamente fracassado por não ser capaz de compor música erudita, mas sim polcas populares.

Já no início da narrativa, Pestana já nos é apresentado como um músico descontente e aborrecido. Quando, em uma festa de aniversário, é solicitado a tocar uma polca de sua autoria, percebe de imediato a sintonia e a alegria das pessoas quando ouvem sua música, apesar de tê-la publicado há apenas vinte dias. A reação de qualquer músico frente a isso, seria de felicidade e orgulho de sua composição. Mas esses sentimentos não brotam em nosso protagonista. Ao contrário, sente-se perturbado e abandona a festa com a desculpa de estar com dor de cabeça, e ainda fica mais angustiado quando, no caminho de volta para casa, ouve uma de suas polcas sendo assoviada por alguém na rua.

O drama de Pestana reside na sua busca pela perfeição estética que não é alcançada, pois vê todas as alternativas lhe serem negadas no decorrer da vida. O músico almeja ser reconhecido e lembrado pela composição de obras eruditas e bem elaboradas, porém ainda que tenha domínio da linguagem musical e poder de criação, é incapaz de produzir peças de alta qualidade, como as que admira em Beethoven ou

Mozart. As únicas coisas que lhe vinham à mente na hora de compor eram sempre elas, as polcas:

À vezes, como que ia surgir das profundezas do inconsciente, uma aurora de ideia; ele recorria ao piano, para aventurá-la inteira, traduzi-la em sons, mas era em vão, a ideia esvaía-se (...) Então, irritado, erguia-se, jurava abandonar a arte, ir plantar café ou puxar carroça; mas daí a dez minutos, ei-lo outra vez, com os olhos em Mozart, a imitá-lo ao piano (...) De repente (...) Compunha só teclando ou escrevendo, sem os vãos esforços da véspera, sem exasperação, sem nada pedir ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tédio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perene. Em pouco tempo, estava a polca feita. (ASSIS, 1997, p.23)

A polca configura-se como uma forma de entretenimento das massas populares, haja vista sua fácil aceitação e acessibilidade para o grande público. É justamente esse fator, a popularidade das polcas, que faz com que Pestana sintasse diminuído em suas produções, pois não quer ser conhecido por compor para as massas, o que, segundo ele próprio, representa uma plenitude efêmera, passageira. Ao contrário, quer ser lembrado por algo que o eternize, que o consagre no mesmo patamar dos grandes compositores da humanidade.

A vida de Pestana, como a do homem machadiano em geral, é marcada, sobretudo, pela contradição. A primeira delas reside no fato de que apesar de ser considerado como celebridade entre seus compatriotas, vive triste por não conseguir alcançar o que ele considera verdadeiramente glória e fama. Além disso, apesar de ser frustrado por não compor peças eruditas, sobrevive das polcas que compõe e tanto odeia. As contradições na vida do músico ainda aumentam quando ele casa com uma cantora tísica e viúva:

O celibato era, sem dúvida, a causa da esterilidade e do transvício, dizia ele consigo; artisticamente considerava-se um arruador de horas mortas; tinha as polcas por aventura de petimetres. Agora sim, é que ia engendrar uma família de obras sérias, profundas, inspiradas e trabalhadas. (ASSIS, 1997, p.25)

Pestana acreditava que depois de casado conseguiria compor um clássico, e decide o fazer, em homenagem à mulher. Acontece, porém, que ao apresentar a música à esposa, ela imediatamente a reconhece como sendo uma composição de Chopin. Pestana havia sido traído por sua memória, tamanha a sua ambição em se tornar um músico erudito, como os seus ídolos. Nem mesmo após a morte da esposa, ele consegue

alcançar seu intento, pois se propõe a compor um *Réquiem* para tocar em seu primeiro aniversário de morte, entretanto, mais uma vez, a única coisa que consegue produzir é mais uma polca e sua tentativa de entrar no mundo erudito cai por terra.

A busca pela perfeição estética, seguida pela insatisfação pessoal por não conseguir alcançá-la em nenhum momento de sua vida, são os estados de espírito em que o personagem se encontra durante toda a narrativa. Sente-se desiludido, frustrado e triste, pois vê sua vida passar sem que consiga alcançar o ideal de perfeição que tanto almeja.

Esse anseio por um estado de espírito inatingível, que só seria alcançado pela realização das composições idealizadas por Pestana, ainda é mais distante de ser concebido por causa da presença de outro personagem, que é responsável pela comercialização das polcas – o editor. Esse personagem traz consigo uma representação muito forte daquilo que Machado também procurou explorar no conto – a aniquilação dos sonhos em face das exigências capitalistas da sociedade. É ele, o editor, quem é responsável por escolher sobre o que e quando o músico deve compor. Suas escolhas baseiam-se nas exigências do mercado, por isso, a fim de atender aos desejos da população, diz qual deve ser o título das polcas e sobre o que Pestana deve discorrer.

Dessa forma, Pestana passa toda a sua existência atormentado em meio a sua vocação, sua ambição, o público, suas polcas, o editor e a impossibilidade de produzir o que realmente deseja. Assim, em suas últimas linhas, o narrador de Machado, descreve genialmente a maneira que Pestana deixa o mundo: “bem com os homens e mal consigo mesmo” (ASSIS, 1997, p. 27), deixando clara a insatisfação do músico por conta da realização pessoal que nunca experimentou.

Em relação ao caráter de Pestana e de outros personagens de Machado que buscam por uma perfeição inalcançável, Lúcia Miguel Pereira, fazendo referência também a uma passagem de *Memórias Póstumas*, afirma:

Os músicos de um *Homem Célebre* e de *Cantigas de esponsais*, um compondo polcas e o outro regendo missas cantadas, ambos descontentes do que faziam, ardendo por escrever boa música, mas consumidos na luta constante e estéril entre o impulso interior e a ausência de um modo de comunicação com os homens (...) esses inquietos, esses cobiçosos de ideal veem frustrados todos os seus movimentos, são sempre vencidos ou infelizes, porque ao contrário duma velha fórmula absurda, não é a letra que mata; a letra dá vida; o espírito é que é objeto de controvérsia, de dúvida, de interpretação, e conseqüentemente de luta e de morte (...) míseras criaturas que vivem às cegas num mundo sem sentido, os homens não podem, sem sofrimento, sair da bitola comum. (PEREIRA, 1988, p. 96)

O drama de Pestana revela a impotência espiritual de um homem incapaz de realizar seus intuitos, mas que do fundo do seu ser, clama pela redenção que não é alcançada. De acordo com Cândido (2007, p. 27) “Neste conto terrível sob a leveza aparente do humor, a impotência espiritual do homem clama como do fundo de um ergástulo”. O desejo ardente pela tão sonhada glória de ser um compositor erudito, culmina com o fracasso pessoal de Pestana, que, ao contrário do que esperava, vê sua música sendo levada, através das exigências sociais e financeiras, para as grandes massas populares. A polca é símbolo de sucesso, mas não do sucesso eterno pretendido pelo músico, mas um reconhecimento efêmero.

Ao lermos o conto “Um Homem Célebre” nos deparamos com um dos personagens de Machado mais complexos e completos. Pestana representa o que de mais relevante marca a prosa machadiana – a perturbação humana e o constante conflito do eu consigo mesmo. Some-se a isso a maestria com que explora a consciência humana sem incutir na narrativa juízos de valor; é como se fizesse anotações e deixasse o leitor concluir por si só.

Assim, tanto na forma quanto na substância, a obra de Machado de Assis foi uma constante e cerrada busca da verdade. Não da verdade absoluta, que esse relativista conhecia impossível, precária ou imutável. Não procurou ver o mundo em si mesmo, senão como o concebiam, como o podiam conceber as suas personagens. E nessa identificação com as suas criaturas está a melhor prova da força criadora que o animou: não ignoraria as restrições que lhe impunha tal submissão aos fracos seres que imaginava, e entretanto só através deles tentou as suas sondagens, porque tinha a consciência de que a sua gente era autêntica, possuía as faculdades e as fraquezas do comum dos homens. (PEREIRA, 1988, p.103)

Esse trecho de Lúcia Miguel Pereira sintetiza os aspectos principais da escritura de Machado, que consiste na preferência por concentrar-se nos pormenores em detrimento do geral, no intuito de debruçar-se sobre as mais íntimas peculiaridades humanas. Enfim, de ser ele, sem sombras de dúvida, um dos mais talentosos perscrutadores da alma humana.

Referências

ARAÚJO, R. M. de. *Machado de Assis: dimensão diacrônica de alguns aspectos do pessimismo*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/3/05.htm>. Acessado em 12 fev. 2011.

ASSIS, Machado de. Um Homem Célebre. In_____. Várias Histórias. São Paulo: Globo, 1997

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 1997.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 44ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CÂNDIDO, A. *Esquema da Machado de Assis*. In: Várias Histórias. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

FIGUEIREDO, A. G. F. *Vocação x ambição: análise do conto Um Homem Célebre de Machado de Assis*. Disponível em: http://www.idelberavelar.com/abralic/txt_7.pdf. Acessado em

PEREIRA, L. M. *A prosa de ficção*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

SOUSA, R.C. Autor, *narrador e discurso no século XIX: Machado de Assis*. Disponível em: http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/garrafa12/robertadacosta_autor.html